

AUTO-CONHECIMENTO EM KEMET: ORIGEM DAS UNIVERSIDADES

KNOWLEDGE OF SELF IN KEMET: ORIGINS OF UNIVERSITY

Valter Duarte¹

Recebido em: 07/2019

Aprovado em: 09/2019

RESUMO: Desde a publicação dos trabalhos do polímata senegalês Cheikh A. Diop e do filósofo e linguista congolês Théophile Obenga, estudiosas e estudiosos ao redor do globo lançaram-se em esforço coletivo para discutir a participação e a contribuição dos povos africanos para o estabelecimento da sociedade tal como conhecemos e com isso ampliar a historiografia humana. O presente artigo apresentará a definição de filosofia desenvolvida pelos povos do Egito Antigo, em vigor desde o quarto milênio antes da Era Comum, reportada por Obenga e pelo filósofo afro-brasileiro Renato Noguera. Em seguida ampliar o debate apontando uma das aplicações desse conceito na obra do escriba e Vizir da 6ª Dinastia faraônica, Ptah-Hotep.

Palavras-Chave: Filosofia. Filosofia Antiga. Filosofia Africana. Kemet. Ética.

ABSTRACT: Since the publication of both the Senegalese polymath Cheikh A. Diop and the Congolese philosopher and linguist Théophile Obenga's works, several scholars around the globe have been gathered on a collective effort to discuss both the participation and contribution of African peoples in the establishment of society as we know it and thereby expand human historiography. Our aim in this paper is to present the definition of philosophy developed by Ancient Egyptian people ever since the fourth millennium B.C.E., reported by Obenga and the Afro-Brazilian philosopher Renato Noguera. Then stretch the debate by pointing out one application of this concept in the work of Ptah-Hotep, 6th Pharaonic Dynasty scribe and Vizir.

Keywords: Philosophy. Ancient Philosophy. African Philosophy. Kemet. Ethics.

Desde a publicação dos trabalhos do polímata senegalês Cheikh Diop (1954; 1957; 1967; 1974; 1977; 1989; 1991) e do filósofo e linguista congolês Théophile Obenga (2006; 1990), que estudiosas e estudiosos ao redor do globo se lançaram em esforço coletivo para discutir a participação e a contribuição dos povos africanos para o estabelecimento da sociedade tal como conhecemos e com isso amplia a historiografia humana. O presente artigo apresentará

¹ Valter Duarte é Licenciado e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe e Doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua nas áreas de Filosofia Antiga, Ética, Epistemologia, Teoria do Conhecimento, Lógica, Semiótica e Filosofia Helenística. Atualmente seus estudos tem como foco a produção do filósofo egípcio e Vizir Ptah-Hotep, da 6ª Dinastia faraônica.

a definição de filosofia desenvolvida pelos povos do Egito Antigo², em vigor desde o quarto milênio a.E.C.³ reportada por Obenga (2006) e pelo filósofo afro-brasileiro Renato Noguera (2013). Em seguida pretendo ampliar o debate apontando uma das aplicações desse conceito na obra do escriba Ptah-Hotep.

A base para essa reflexão está assentada sobre os pilares acadêmicos das obras de Cheikh Diop (1991), Obenga (1990), Asante (1990), Cleonora Hudson (1993), Ama Mazama (2003), e Renato Noguera (2014), autoras e autores cuja importância é fundamental para o estudo da filosofia africana no Brasil e no mundo. Tais autoras e autores estabeleceram as bases para o estudo filosófico das obras egípcias antigas.

Antes do trabalho dos dois primeiros estudiosos referidos, a ideia de unidade cultural africana era algo concebido como absurdo. Até 1970, data na qual ocorreu o Simpósio de Egiptologia no Cairo, onde Diop e Obenga apresentaram *evidências da origem negra africana dos egípcios e a relação cultural entre Egito e aquele continente*, como dissemos, até essa data, o mito das “Várias Áfricas” era entendido como uma concepção científica. Atualmente, embora ainda seja possível encontrar no Brasil esse mito sendo veiculado como cientificamente fundamentado, tal noção já não se constitui como uma unanimidade entre especialistas⁴, os quais já tiveram acesso às obras referidas. Os dois africanos supracitados constituíram um sólido trabalho de pesquisa e estudo provando *as bases negras históricas e culturais africanas dos estudos científicos e filosóficos produzidos pelos povos que viveram ao longo do Vale do Nilo entre os anos 4000 a.E.C. e 332 a.E.C.* Conforme nos relata o filósofo afro-americano Molefi Asante:

A África é um multiplexo de culturas. Isso não quer dizer que os valores subjacentes às várias culturas sejam significativamente diferentes, como alguns tentaram argumentar. Em todo lugar na África, desde os tempos mais antigos [os tempos de Kemet], parece haver um compartilhamento de características no modo como os seres humanos abordaram o universo, o ambiente, a sociedade e o divino. Esse compartilhamento permite a esse multiplexo cultural ser analisado a partir da perspectiva de uma civilização geral. Existem vários elementos para a mente da África que governam o modo

² A partir de agora referido ora pelo signo  (que corresponde aos fonemas *kmt*), ora pela sua transliteração, *Kemet*, um dos nomes atribuídos àquele país por seus habitantes.

³ Antes da Era Comum.

⁴ Nesse sentido, destaco que o tom denunciativo desse parágrafo expressa uma insatisfação com certas ideias tomadas de maneira hegemônica dentro e fora do ambiente acadêmico como prontas e inquestionáveis, e em momento nenhum dirijo essa insatisfação a pessoas, ou instituições. Como filósofo, seguindo a esteira de meus pares, entendo o ato de escrever como um gesto absolutamente positivo e, embora expresse insatisfação com o estado de coisas em questão, ele é realizado a todo o momento apenas *contra ideias prontas* (cf. NOGUERA, 2014).

como os seres humanos se comportam em relação à realidade: a prática do holismo, o prevalecimento da policonsciência, a ideia da inclusividade, a unidade dos mundos e o valor do relacionamento pessoal. (ASANTE, 1990, p.19)⁵



A Definição de filosofia a partir da perspectiva kemética

Dentre os elementos que nos constituem como seres humanos, a nossa consciência é o que mais nos diferencia dos demais seres vivos. Quem quer que se arrisque a mergulhar no assunto encontrará uma vasta literatura das mais diversas áreas, principalmente de filosofia e psicologia, apresentando as mais variadas tentativas de se definir o conceito de “consciência” e mapear o alcance de suas operações. Além das noções gerais que possuímos acerca dessa faculdade humana, é também amplamente conhecido que uma de suas principais características é atuar ativamente na formação e no desenvolvimento daquilo que nos demais seres vivos existe de forma natural e plena: o autoconhecimento. Dito de forma mais orgânica, enquanto os demais seres vivos reconhecem em si tudo aquilo que diz respeito às suas qualidades, defeitos e possibilidades e que relações tais elementos estabelecem com o mundo circundante, nós humanos precisamos recorrer a certos artifícios criados por nós em busca de ferramentas que nos permitam alcançar tal façanha.

Um desses artifícios é a *filosofia*, que *existe desde que o primeiro ser humano surgiu, na região dos Grandes Lagos africanos, e resolveu imprimir na pedra suas experiências* e cujo legado é usufruído das melhores e mais diversas maneiras possíveis por nós, seus descendentes.

A filosofia nos auxilia a formular e a tentar responder perguntas que nos surgem desde a infância e que permanecem retumbantes em nossa consciência até o fim de nossas vidas: *Quem sou? Que lugar é esse que hoje habito? De onde vim? Quem são essas pessoas que se parecem comigo? Quem são as que não se parecem? O que fazemos aqui? Como devo me relacionar com todos esses seres vivos e com a realidade à nossa volta? Para onde vamos depois que não compartilharmos mais essa realidade?*

⁵ Grifo meu.

⁶ Trata-se da palavra “filosofia”, grafada em hieróglifos, escrita egípcia mais conhecida como **Médio Egípcio** (cf. GARDINER, 2007), ou **CiKam** (cf. BILOLO, 2011).

De acordo com os filósofos de Menfis, capital administrativa a norte do país que aprendemos chamar de Egito Antigo (cf. BAYIBAYI, 2017; OBENGA, 1990; JAQC, 2006; NOGUERA, 2013; ASANTE, 1990), um exercício com tal complexidade e a natureza dinâmica dos diversos elementos que compõem a realidade exigem de nós a disciplina (capaz de nos preparar para empreendê-la seja qual for a circunstância), a curiosidade (guia de nossas investigações) e a persistência (que nos permite encontrar maneiras de superar os recorrentes obstáculos que surgem em nosso caminho). Analisemos um pouco mais de perto essa noção de filosofia.

Antes de lançarmo-nos nessa jornada, é preciso fazer-vos notar, leitora e leitor, que o estudo das diversas definições de “filosofia” nos permite perceber existirem noções básicas das quais todas as outras partem: (1)⁷ Mesmo quem nunca estudou de maneira formal e acadêmica essa atividade (ou disciplina) sabe a dificuldade que encontramos ao buscar uma definição do termo “filosofia”: Só no Ocidente existe um número diverso de pensadoras e pensadores que apresentam definições igualmente diversas, na maioria das vezes opostas entre si. E, embora o encontro com essa diversidade de definições possa gerar desconforto em uma tripulação inexperiente, isso não torna a questão mais problemática porque elas partem de uma base cultural comum. A qual define princípios, métodos e procedimentos de onde partem todas as definições que compartilham aquela base cultural.

O caso não podia ser diferente na África, pelo menos três vezes maior que o continente europeu. Você não deve se surpreender ao encontrar diversas definições, muitas delas aparentemente opostas entre si. Digo “aparentemente” porque, como no ocidente, elas também partem de uma base cultural comum, as quais também definem os processos metodológicos e princípios dos quais aquelas devem partir. No caso do Ocidente, essa base cultural é grega. No caso da África, essa base cultural é o Egito Antigo, que chamaremos a partir de agora Kemet, um dos termos pelos quais esse país era chamado por seu povo, escrito da seguinte forma por eles:

eles:  .

De acordo com Diop (1990, p.70), os textos keméticos nos fornecem evidências de que os filósofos de Menfis concebiam o universo como (1) uma totalidade de numerosos e diversos fenômenos, (2) uma realidade espaço-temporal ocupada por seres igualmente diversos, distintos entre si, porém regulados segundo um mesmo ordenamento e (3) todas as coisas e todos os

⁷ A ordem de apresentação é meramente didática e ilustrativa, de forma alguma fixa. Tampouco se pretende como exaustiva.

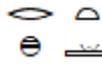
fenômenos são ordenados segundo um princípio racional regulador.

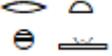
Para termos uma ideia da força e da influência do pensamento kemético em toda a antiguidade, não restritos ao continente africano, pensemos na solidez da cultura ocidental, isto é, a que vivemos, cujo estabelecimento acumula pelo menos dois mil anos de duração e desenvolvimento. A cultura africana, desenvolvida e estabelecida ao longo do Rio Nilo entre 4000 a.E.C. e 332 a.E.C., sobreviveu e se desenvolveu por pelo menos quatro mil anos. A partir disso temos como imaginar a solidez desse conhecimento, que conta com no mínimo mil anos de idade a mais do que a sociedade atual. Estamos falando aqui de pelo menos seis mil anos de história.

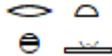
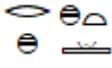
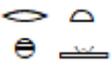
Embora encontremos ainda livros didáticos referindo-se ao período faraônico como pré-histórico, essa base é aquela da qual parte o conhecimento africano (ASANTE, 1990, p.19; OBENGA, 1990, p.71). Destacamos que essas afirmações não devem ser entendidas como dogmáticas, ao contrário, são frutos de pesquisas e como tais devem ser testadas pelas evidências e questionadas.

Retornando às noções gerais subjacentes aos conceitos particulares de filosofia—definida aqui de maneira geral como uma atividade intrinsecamente humana (cf. RAMOSE, 2011, p.8), isto é, o *pensamento reflexivo sistemático sobre a vida* (cf. OBENGA, 2004, p.33)—, uma segunda característica compartilhada entre os seres humanos em relação à ela é (2) a larga amplitude de seu campo de atuação. Para termos uma ideia dessa amplitude, lembremos que no Ocidente a filosofia é entendida como a “mãe” das ciências e das artes. A terceira característica comum entre as definições de filosofia é que (3) o ser humano não possui um conhecimento inato sobre si e sobre o mundo, isto é, não nascemos com o conhecimento sobre nós mesmos e sobre o mundo tal qual os outros animais.

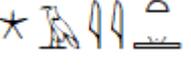
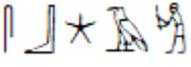
Mesmo onde encontramos teorias do conhecimento que afirmam sermos naturalmente dotados de autoconhecimento, essas teorias são investidas de uma cláusula limitante: o esquecimento pós-natal. Enquanto que qualquer outro animal “sabe” naturalmente de suas limitações e qualidades, e igualmente sabem como educar seus descendentes e o que eles irão fazer em todas as fases de sua existência, com os humanos esse processo não é tão simples, pois, como dito, não somos dotados desse conhecimento.

O filósofo carioca Renato Noguera, em seu artigo *A Ética da Serenidade: O Caminho da Barca e a Medida da Balança na Filosofia de Amenemope* (2013, p.147), apresenta a definição de Théophile Obenga (2004, pp.33-34) e ressalta que o termo  (*rekhet*), embora possa ser traduzido sem qualquer prejuízo por “filosofia”, remetia-se a sentidos muito

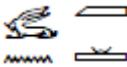
mais amplos do que atribuímos hoje à tal conceito. Dentre esses sentidos ele lista (1) *a síntese de todo o aprendizado*, o que envolve todas as ciências e todas as artes, (2) *a busca pela sabedoria*, isto é, por um conhecimento que subjaz todas essas artes e ciências e (3) *a busca pela perfeição moral*. Nesse sentido, podemos dizer sem problemas significativos que todas as artes e todas as ciências são “filosofia”, ou, de maneira mais específica, que *todas as artes e todas as ciências são*  (*rekhet*).

Etimologicamente, o signo linguístico  é constituído por dois termos: (1) o verbo  (*rekh*), cujas traduções abrangem os sentidos de “conhecer”, “estar consciente de” e “aprender”; e (2) o substantivo  (*khet*), que podemos traduzir por “coisas”. Essas duas palavras unidas—compostas pelo signo determinativo de um papiro enrolado e selado, indicando tratarem-se de *noções abstratas*—engendram a fórmula linguística  (*rekhekhet*), ou simplesmente  (*rekhet*), a qual abrange os significados de (1) “conhecer as coisas”, (2) “estar consciente das coisas” e (3) “aprender as coisas”. *Rekhet*, , portanto, em seu aspecto verbal, remete-se a uma *atitude*, um *esforço simultâneo de pesquisa, aprendizagem, tomada de consciência e ensino*.

Para aqueles povos, *o esforço simultâneo para conhecer e ampliar a consciência implica uma experiência*, um lançar-se em busca do conhecimento da natureza das coisas. Essa experiência, por se tratar de um estudo, envolve certo condicionamento, isto é, não é feita de forma aleatória. Ela demanda certas atitudes e procedimentos específicos, que tendem a produzir elementos com os quais o ensino se torna possível.

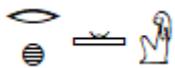
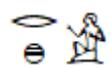
Por esse ângulo, *rekhet* se configura como um procedimento que *envolve* tanto um *ato investigativo* quanto um *processo pedagógico*, que envolve uma dupla atividade: (1) *adquirir nefer-upi*, palavra formada pelos signos  (*nefer*), que significa “bom”, “belo” e  (*upi*), que significa “discernir”, “julgar”, “dissecar”, carregando juntas um sentido de “*pesquisa*”, o que implica à ideia de “*buscar os detalhes de algo*” e (2) *a partir dessas atividades, construir um sistema de valores*, os  (*sebayt*), “*ensinamentos*”. E *a partir deles*  (*seba*), “*ensinar*”, “*instruir*”.

Até aqui podemos notar que *Rekhet* abrange um sentido de “*adquirir o bom*”

discernimento das coisas”, o que “gera a oportunidade de instruir”. Dito de forma simples, o conhecimento da  (rekhet) permite a quem a pratica entender o funcionamento da realidade,  (un-maa).

Sobre o significado do conceito kemético de *un-maa*, serve-nos a informação relatada por Asante ao se referir à noção de realidade daqueles povos:

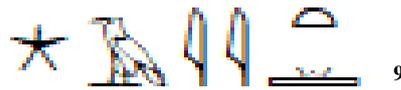
Não é trivial para a mente africana dizer que ‘*tudo é tudo*’ [ou *que todas as coisas são reais*], e para a mente do povo kemético antigo *essa ideia representava todo o universo como um*. Desde o início essa **[noção da] unidade de todas as coisas** tornou-se a chave com a qual a mente egípcia revelou vários segredos do mundo (ASANTE, 1990, p.20).

Assim, adquirir esse conhecimento permite à pessoa praticante tornar-se uma  (rekhet) “mulher sábia”, ou  (rekhet) “um homem sábio”, isto é, *alguém que realizou a longa jornada de pesquisa e auto-consciência acerca da realidade, a partir da qual passa a ter o dever moral de ser*  (iry maat), “restauradora da verdade”.

Como destaca Renato Nogueira (2013, p.147), *filosofar é um exercício de julgamento, sopesar, detalhar, apresentar num exercício rigoroso com a palavra o objeto que é retratado*, tomado como fonte da qual se parte e para a qual se chega. Em acréscimo a isso, tomemos a definição de Bayibayi (2017, p.146), para quem *a filosofia faraônica persegue, por um lado, o conhecimento e a fundamentação de tudo quanto é o universo e o cosmos, e, por outro lado, a felicidade do ser humano*. Segundo ele, partindo de Théophile Obenga, a teoria cósmica de *Maat* e a teoria cósmica de *Nwn*⁸ são imprescindíveis para uma *filosofia do “vir-a-ser”*.

Essa *atividade complexa, criativa e artesanal exige* da pessoa que se propõe a investigar a natureza e adquirir o conhecimento de  (maat), *um sentimento profundo de*  (mery), isto é, *de “amor” pela verdade, amor pelo conhecimento de “desejo” e “vontade” constantes em estabelece-la a partir de um processo vitalício e ininterrupto*.

⁸ Conceitos de grande importância para a noção de *rekhet*, mas que por uma questão de foco e espaço não serão tratados nesse trabalho.



9

Elementos de uma Filosofia Kemética nos Ensinamentos de Ptah-Hotep

Em todas as definições apresentadas até aqui pudemos notar a conexão intrínseca entre o que Bayibayi chama de uma *Teoria Cósmica de Maat* (2017, p.146) e aquilo que *Noguera notou ser uma filosofia de vida* (2015, p.118), aos moldes reconhecidos e apresentados pelo filósofo francês Pierre Hadot (2002), isto é, que *não consistem em uma teoria puramente abstrata, mas sim em uma arte de viver*, a qual, em Kemet, envolvia um amor pelo próprio processo investigativo, cuja minúcia era retratada em seu próprio conceito metodológico de



(*medu nefer*), que podemos traduzir por “*fala correta*”, “*pensamento correto*”, “*ação correta*”. Opto aqui pela substituição do termo “*correto*” pelo termo “*adequado*”, pois a exigência contextual deste para defini-lo aproxima-o mais da noção *nefer* do que aquele, que traz consigo a noção de determinação precisa e dogmática, o que não é o caso. Faremos uma apresentação mais detalhada desse sentido em outro trabalho. Por hora, fica minimamente justificada a opção de tradução.

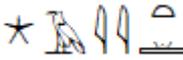
Para termos uma ideia da profundidade do conhecimento kemético, sua *educação levava 40 anos* para ser completa. Aquela, ou aquele, que pretendesse se tornar escriba, dirigiria-se a um dos *diversos templos localizados nos principais distritos do país*, verdadeiros centros de produção de conhecimento, isto é, *as cidades de Heliópolis, Hermópolis, Menfis, Abidos e Tebas*. Esses templos, além de serem frequentados regularmente por toda a população, seja para lidar com questões administrativas, jurídicas (públicas e privadas), pagamentos de taxas, distribuição e comércio de mercadorias, celebração de festivais anuais, ou sazonais, esses lugares *correspondiam às nossas universidades hoje, com laboratórios de pesquisa, observatórios, bibliotecas, alojamentos e refeitórios cujo acesso estava reservado aos estudantes e seus professores*.

O conhecimento acumulado e produzido por esses povos pode ser notado a partir de

⁹ Trata-se da palavra “*ensinamentos*”, ou “*instruções*”, grafada em hieróglifos, escrita egípcia mais conhecida como **Médio Egípcio** (cf. GARDINER, 2007), ou **CiKam** (cf. BILOLO, 2011).

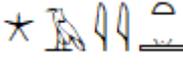
seus frutos, a verdadeira floresta de pedra maciça formada pelas 134 colunas colossais em forma de enormes papiros, no templo de Karnak, em Tebas, medindo cada uma 103 metros de largura, 21 metros de largura e 4 metros de diâmetro, resistentes a tremores de terra, ao vandalismo e às intempéries por mais de 6 mil anos sem passar por reforma nem manutenção, nas obras funerárias igualmente colossais ao longo do Nilo, construídas com centenas de milhares de toneladas de Granito e Diorito, pedras maciças, transportadas por embarcações de madeira e arrastadas por complexos dispositivos de madeira e cordas, demonstrando apurado conhecimento de engenharia, matemática e física, refletidos também no *calendário de 365 dias e 1/4*, em operação desde o quarto milênio antes da Era Comum.

Aos 7 anos de idade, as crianças ingressavam nessas escolas e passavam por um período de iniciação que durava 7anos, dentro do qual faziam um voto de silêncio. É estranho para nós conceber hoje, em uma sociedade que lida com diversos problemas acerca da educação infantil, imaginar uma criança que aos sete anos não podia falar. Nesse período elas eram apresentadas ao que poderíamos chamar de *alfabeto da escrita kemética*, que contava até a 6ª Dinastia com pelo menos 700 unidades básicas. Daí entendemos a longa duração desse estudo. Foram encontrados vários pedaços de barro ou granito, cobertos com gesso, sobre os quais os pupilos exercitavam sua escrita a partir da cópia de textos clássicos produzidos pelos escribas educadores. Entre esses textos estavam os *Ensinamentos* de Ptah-Hotep, sobre quem falaremos brevemente a seguir.

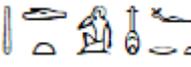
Dentre esses escribas estava o Vizir Ptah-Hotep, que chegou a ocupar um cargo correspondente ao que hoje designamos Primeiro Ministro, o qual, na época, era superado em direitos e deveres apenas pelo cargo de *nesu bity* (faraó/rei). Ptah-Hotep, cujo nome significa “Ptah está satisfeito”¹⁰, floresceu no período conhecido como 5ª Dinastia (2494-2345 a.E.C.), especificamente durante o reinado do *nesu* (faraó) Djed-Ka-Ra Isesi (2414-2375 a.E.C.). O cargo de vizir era tão respeitado quanto aquele de *nesu* (faraó) e a pessoa que ocupava esse cargo era responsável pelas questões administrativas e diplomáticas do país. A competência e o gênio de Ptah-Hotep fizeram dele uma figura proeminente mesmo depois de sua morte, o qual viveu por mais de 110 anos. O mesmo escreveu um ensaio filosófico tratando de questões fundamentais da filosofia kemética, os , *Ensinamentos*, considerados tão importantes por aquele povo que encontramos menções honrosas a seu nome em textos da 20ª

¹⁰ O conceito de *Ptah* e a divindade mitológica atrelada a ele serão tratados com mais detalhes em outro trabalho, já em andamento.

Dinastia (1186-1069 a.E.C.), um milênio após sua passagem (cf ARAÚJO, 2000) e citações ou referências à sua obra até o fim daquela civilização.

A famosa composição intitulada  (*sebayt*), de autoria atribuída ao escriba Ptah-Hotep, foi uma *obra fundamental na formação educacional do cidadão kemético* até o período de invasão dos povos estrangeiros da Europa, em 332 a.E.C., evento que marca o fim da era africana naquela região. Até essa data encontramos cópias dessa obra em todos os períodos da civilização kemética. Destas, a única que nos chegou em perfeito estado foi aquela que hoje faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Paris, conhecida pelos arqueólogos como *Papiro Prisse*, encontrada pelo arqueólogo de mesmo nome. Das diversas traduções que podemos encontrar, as mais célebres são aquela para o inglês da egiptóloga israelense Mirian Lichteim (1975), a tradução bilíngue inglês-cikam do historiador francês Christian Jaqc (2006) e a tradução para o português do Historiador brasileiro, Emanuel Araújo (2000). O tratado filosófico de Ptah-Hotep é composto por uma introdução, na qual o filósofo se apresenta e informa suas intenções ao compor o texto, seguido de 37 máximas que condensam o pensamento filosófico daquele povo e finalizada por um longo epílogo.

Notamos já na introdução as especificidades fundamentais da  (*rekhet*): Entre as linhas 8 e 23 do manuscrito, Ptah-Hotep relata o que Araújo denominou de *Achaques da Idade* (2000, p.246). Nessa sequência de linhas o vizir queixa-se da série de limitações e enfermidades que a idade traz consigo: *a idade chegou[...] a debilidade alcançou-me, a senilidade aumenta, todo dia dorme-se cansado, os olhos estão fracos, os ouvidos surdos, o vigor desapareceu devido ao cansaço do coração e a boca está muda*. Podemos perceber aqui, na afirmação de um senhor de 110 anos (l. 641), *o respeito dirigido pelos povos africanos às pessoas mais velhas*.

Esse mesmo senhor cuja idade o debilita, deixando-o próximo à senilidade, é quem dirige palavras ao ocupante do maior cargo do país na introdução de seu tratado, o faraó¹¹, e exerce a função de instruir a pessoa que será conselheira do *nesu*. O capítulo que para nós soa como depreciativo, dada a perspectiva ocidental da qual partimos em relação às pessoas mais velhas, em verdade, não só reflete a perspectiva africana sobre o mesmo tema, como ratifica que *as aplicações da “conduta adequada”*  (*medu nefer*) e do “discernimento

¹¹ Doravante referido apenas pelo termo utilizado por aqueles povos, isto é, *nesu*, pois o termo “faraó” carrega erros de interpretação comuns produzido por uma interpretação puramente ocidental do papel social do rei para as culturas africanas. Sobre essa noção, também estamos compondo um trabalho de apresentação.

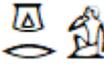
adequado”  (nefer upi) garantem à pessoa praticante simultaneamente longevidade, segurança, prestígio e conhecimento suficientes para ocupar inclusive o mais alto cargo naquela sociedade.

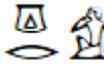
Podemos perceber nessa obra outro aspecto particular da sociedade africana: a possibilidade de ascensão social. Conforme nos informa Diop (1991, p.168) embora haja uma organização estática da sociedade, sendo o aprendizado dos ofícios passados comumente dos pais para os filhos, não se pode confundir essa estratificação social com um sistema fixo de castas, isto é, uma resistência institucional ideologicamente fundamentada à mudança de classe social naquela sociedade. Sem romantismos, embora tenha havido nos primeiros anos do reinado kemético certa manutenção de privilégios, revoltas populares sucessivas, amplamente documentadas, reverteram esse quadro inicial e culminaram na democratização do império. Contudo, não chegou a se estabelecer uma república.

A ascensão social era permitida e a oportunidade para tal era garantida por um conjunto de leis constituídas: as leis de Maat. Tais leis subjaziam uma verdadeira máquina burocrática do Estado, *igualmente obedecidas pelo povo e pelas classes regentes*. Um exemplo conhecido está esculpido em um grande bloco de granito no banco ocidental da região da 1ª Catarata (cf. BREASTED, 1906, p.145), na qual consta uma *inscrição da 6ª Dinastia*, sob a regência de Merne-re (2287 a.E.C. - 2278 a.E.C.), relatando uma das expedições do nacionalmente aclamado vizir *Uni, outrora um servo*, em missão administrativa à região da Núbia para inspeção da construção de grandes barcas para o transporte de rochas colossais para a construção de uma pirâmide para o *nesu* supracitado.

Entre *as linhas 177 e 181* dos  (Sebayt) encontramos outra forte *evidência* da possibilidade de ascensão social no antigo Kemet, onde o vizir admoesta: *não se ocupe em saber se [uma pessoa proeminente] fora previamente de origem humilde, não seja arrogante com ela por saber de sua condição prévia. Respeite-a pelo que ela se tornou, pois as coisas não acontecem por si mesmas. Tal aviso indica ter sido comum àquela época a ocupação dos cargos e ofícios públicos, ou particulares, ser estabelecida de acordo com as capacidades, os conhecimentos e a conduta de quem os ocupava*, e não pela a origem social ou familiar dos seus ocupantes. Tampouco o gênero era utilizado como limitador de ocupações e ofícios, assunto sobre o qual trataremos com detalhes em outro trabalho.

Dentre as *habilidades a serem desenvolvidas ao longo da vida*, aquela que poderíamos chamar de *controle emocional* está entre as mais caras à prática da *rekhet*. Um conjunto de

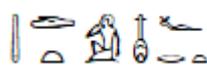
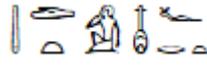
práticas *que permite à pessoa o alcance do estado espiritual descrito como*  (*geru*) que pode ser traduzido tanto como “silêncio”, quanto como “serenidade”, o filósofo carioca opta pela segunda opção para descrever o que ele conceitua por *Ética da Serenidade* (cf. NOGUERA, 2013, p.149). Aqui é digno de nota serem os termos keméticos polissêmicos, isto é, carregarem em si mesmos diversos sentidos, os quais se fazem notar de acordo com o contexto no qual são utilizados. Nessa perspectiva, *o escriba, modelo ético da prática filosófica, é descrito como aquele que ouve* (ARAÚJO, 2000, p.224). E é constantemente incentivado por Ptah-Hotep, em diversas passagens, a praticar o ato da escuta.

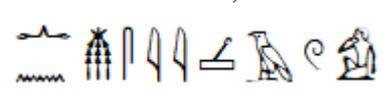
Diante da insistência kemética pela prática do  *Silêncio (geru)*, representada pelo símbolo determinativo de um homem com a mão sobre a boca, e da  *Escuta (sedjem)*, representada pelo mesmo signo representativo e pelo símbolo da orelha de um animal, recursivas nos textos que lidam com o aspecto ético da *rekhet* (cf. NOGUERA, 2013, p.148), como dizíamos, diante disso somos impelidos a pelo menos duas questões: (1) *Em que sentido duas atividades que concebemos como passivas podem contribuir com uma prática filosófica?* E não só isso: (2) *Como o silêncio pode fazer parte de um procedimento ético?* Se buscarmos respostas rápidas, encontrá-la-emos nas palavras do escriba Khety, da 19ª Dinastia, compositor da obra conhecida como *Sátira das Profissões* (ARAÚJO, 2000, pp. 216-224): *o (bom) ouvinte é aquele que age*.

Sobre essa assunção, Noguera (*ibid*) nos diz que para os povos keméticos a ação é considerada como o resultado de uma *escuta consciente*, a qual carrega também o sentido de “curiosidade”. De fato, encontramos Ptah-Hotep afirmando que a pessoa que *não ouve* os *Sebayt* (l. 200), torna-se hostil e vil (l. 209), na medida em que *age impulsivamente*, segundo *concepções mesquinhas* (l. 211). Na Máxima 14, à qual Araújo opta por intitular *Moderação no Trato com as Pessoas* (2000, p.250), encontramos o escriba afirmando que a pessoa que *ouve o coração* (l. 234) *é aquela que não ouve o idioma de seu ventre*¹² (l. 235). E acrescenta (l. 237): *[Essa pessoa] (tornar-se-á) mestre das coisas, pois (dirá): ‘deixe-me conhecer isso’*.

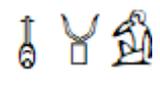
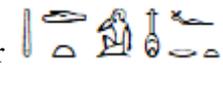
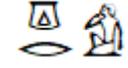
Podemos extrair pelo menos três aspectos dessa teoria: (1) *permanecer em geru não significa posicionar-se de forma submissa e inativa diante das situações*. O conceito de *sedjem*, que traduzimos por “escuta”, *refere-se a um procedimento analítico de investigação*, no qual o a pessoa admite não conhecer aquilo do qual se está diante e se propõe a “ouvir”, isto é,

¹² O termo “ventre” se remete aos instintos.

inspecionar, investigar  (*upi*) a natureza das coisas  (*khet*) que lhe são desconhecidas e, a partir dessa análise, constituir um conhecimento cuidadosamente elaborado , que por sua vez permite agir da melhor forma possível diante de tal situação . Em resumo, o conceito de *geru* remete-se a uma atitude mental, espiritual e emocional, que, combinadas, permitem a quem pratica acessar informações até aquele momento completamente desconhecidas.

Para realizar essa atividade, a prática do autoconhecimento, refletida na *inscrição conhece-te a ti mesmo gravada na entrada dos templos keméticos* (cf. JAMES, 2005, p.3), surge como essencial, na medida em que, como afirma o próprio Ptah-Hotep,  “ninguém nasce sábio” (l. 41).

Considerações Finais

Com o presente artigo tentamos ampliar a discussão aberta por Renato Noguera em seu livro *A Filosofia e a Lei 10.639* (2014) e em seus artigos *A Ética da Serenidade* (2013) e *Cardiografia do Pensamento* (2015) acerca de uma abordagem filosófica pluriversal e, a partir disso, buscamos aprofundar a análise da definição de filosofia constituída pelo povo africano do Vale do Nilo, apresentando a noção de  (*rekhet*) como *atividade artesanal e vitalícia*, a partir da qual a pessoa praticante, engajada de  (*mery*) *amor pelo conhecimento*, exercita a  (*sedjem*) “curiosidade” promotora de um  (*nefer upi*) “*bom julgamento*”, partir do qual é possível desenvolver  (*medut*) (*nefer*) “ações adequadas”, cujo acúmulo torna a pessoa alguém  (*geru*) *Serena*.

Embora as interpretações da obra de Ptah-Hotep estejam abertas a múltiplas possibilidades, esse trabalho segue como um segundo passo dado em direção à ampliação das pesquisas acerca do tema, promovendo um pensamento antirracista e pluriversal, que reconhece a existência de produções filosóficas não europeias e que trata a história e a cultura africana e afro-brasileira como igualmente relevantes para a produção de conhecimento.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, Emanuel. *Escrito para a Eternidade a literatura no Egito faraônico*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
- ASANTE, Molefi K. *Kemet, Afrocentricity and Knowledge*. Trenton: Africa World Press, 1990.
- _____. *Kemet, Afrocentricity and Knowledge*. Trenton: Africa World Press, 1990.
- _____. *The Afrocentric Idea*. Philadelphia: Temple University Press, 1987.
- _____. *Uma Origem Africana da Filosofia: Mito ou Realidade?* In: *Capoeira Revista de Humanidades e Letras*. V. 1. nº 1., 2014.
- _____. *Afrocentricity*. 3rd ed. Trenton: Africa World Press, 1987.
- _____. *Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia em Ensaios Filosóficos*. Trad. Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo. Volume XIV – Dezembro/2016.
- _____. *Afrocentric idea in education. The Journal of negro*. Vol. 60. n. 2, Spring 1991, pp.170-180.
- _____. *Afrocentricidade: A Teoria de Mudança Social*. Trd. Ana Monteiro; Ama Mizani; Ana Lúcia. Philadelphia: Afrocentric International, 2014.
- _____. *Afrocentricidade: Notas Sobre uma Posição Disciplinar*. Em: *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. pp. 93-110.
- _____. *The Egyptian philosophers: ancient African voices from Imhotep to Akhenaten*. Illinois: African American images, 2000.
- _____. *Afrocentricity* in <http://www.asante.net/articles/1/afrocentricity/>, 2003 (acesso em 29/03/2010).
- BAYIBAYI, Jesus Molongwa. *Epistemología Africana y Concepciones teóricas: Reevaluar El Impacto De Los Presupuestos Sobre La Filosofía De Lo Real*. Tese Acadêmica, 2017.
- BILOLO, Mubabinge. *Vers un Dictionnaire Cikam-Copte-Luba: Bantuité du Vocabulaire Égyptien-Copte dans Essais de Homburger et d'Obenga*. Munich: African University Studies, 2011.
- DIOP, Cheikh Anta. *Civilization or Barbarism*. New York: Lawrence Hill, 1991.
- _____. *Nations nègres et culture*. Paris: Présence africaine, 1954.
- _____. *Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négroafricaines*. Paris: IFAN/NEA, 1977.

_____. *A Unidade Cultural da África Negra: Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica*. Trad. Silvia Cunha Neto. Portugal: Pedago, 2014.

_____. *Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?* Paris: Présence africaine, 1967.

_____. *The African Origin of Civilization*. New York: Lawrence Hill, 1974.

_____. *The Cultural Unity of Black Africa: The Domains of Patriarchy and of Matriarchy in Classical Antiquity*. London: Karnak House, 1989.

GARDINER, Alan H. *Egyptian Grammar: Being an Introduction to the Study of Hieroglyphs*. 3ª ed. Cambridge: Friffith Institute Oxford, 2007.

HADOT, P. *Exercices Spirituels et Philosophie Antique*. Paris: Albin Michel, 2002.

HUDSON-WEEMS, Cleonora. *Africana Womanism: ReclaimingOurselves*. MI: Bedford Publishers, 1993.

JAMES, George G. M. *Stolen legacy: the Greek Philosophy is a stolen Egyptian Philosophy*. drewryville: Khalifah's Booksellers & Associates June, 2005.

LICHTHEIM, M. Vol I. *Ancient Egyptian Literature: The Old And Middle Kingdoms*, 1973.

_____. Vol II. *Ancient Egyptian Literature: The Old And Middle Kingdoms*, 1973.

_____. Vol III. *Ancient Egyptian Literature: The Old And Middle Kingdoms*, 1973.

NOGUERA, R. *A ética da serenidade O caminho da barca e a medida da balança na filosofia de Amenemope*. In: *Ensaaios Filosóficos*. Vol. VIII – Dezembro/2013. pp. 139-155.

_____. *Ensino de filosofia e a Lei 10639*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ceap, 2011.

_____. *Amenemope, o coração e a filosofia, ou a cardiografia (do pensamento)*. In *Semna– Estudos de Egiptologia II*. orgs. Antonio Brancaglione Jr., Rennan de Souza Lemos e Raizza Teixeira dos Santos. RJ: Seshat/Editora Klínē, 2015, pp. 117- 127.

_____. *Entre a Linha e a Roda: Infância e Educação das Relações Étnico-Raciais*. Em Revista do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. Vol.1, n. 15. (2017) pp. 398-419.

_____. *O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca nacional, 2014.

OBENGA, Théophile. *La philosophie africaine de la période pharaonique (2780-330 a. C.)*, Paris: L'Harmattan, 1990.

RAMOSE, Mogobe. *Sobre a legitimidade e o estudo da filosofia africana*. Trad. Dirce Eleonora Nigro Solis; Rafael Medina Lopes; Roberta Ribeiro Cassiano. In: *Ensaaios Filosóficos*, Volume IV, 2011.